

ANÁLISE CRÍTICA E A REPRESENTAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS NOS DISCURSOS DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Taysa Mércia dos Santos Souza Damaceno(UFS)
taysa_damaceno@yahoo.com.br

Introdução

Este trabalho acessa as orientações da Linguística Aplicada(LA), articuladora de múltiplos domínios do saber e em diálogo constante com vários campos que têm preocupação com a linguagem, uma vez que esta permeia e constrói as práticas sociais.

Os apontamentos e análises aqui apresentadas trazem como centro os discursos de professores do Ensino Fundamental em Sergipe¹, a partir das representações discursivas dos atores sociais no contexto de avaliações estandardizadas, ante os requerimentos de práticas pedagógicas globalistas, pautadas pela gestão de resultados. A metodologia para configuração é qualitativa, endossada pelos postulados teóricos da Análise Crítica do Discurso (ACD), que preconiza teoria e método como facetas de um mesmo processo, articulando uma proposta analítica textualmente orientada. Dentro de um panorama contemporâneo das pesquisas em ACD, a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso(ASCD), proposta por Pedrosa(2013), no seu nascedouro, anuncia os diálogos interdisciplinares em suas análises, uma espécie de entrelaçamento dos Estudos Culturais com a Sociologia para Mudança Social, Comunicação para Mudança Social e Linguística Sistêmico-Funcional. A ASCD² propõe um caminho analítico, segundo Pedrosa (2013), a fim de estabelecer o diálogo entre as categorias e os sentidos sociais contextualizados que, discursivamente, fazem parte desse percurso.

Nesse contexto de aplicabilidade, tomaremos como linha de análise as contribuições da Linguística Sistêmico-funcional, uma vez que, segundo Souza (2006), uma das prioridades funcionalistas é ultrapassar a abordagem modular formalista e possibilitar a integração dos diversos componentes linguísticos.A concepção de texto,

¹ As análises dos discursos de 13 professores das séries iniciais (5º ano) e finais (6º ao 9º anos) do ensino fundamental, atuantes na Rede Estadual em Sergipe, em específico na Diretoria Regional de Educação – DRE 2, são o foco central desse trabalho.Recorte da pesquisa de Doutorado desenvolvida entre os anos de 2011 e 2012. Defendida em 2013 – PPgL/UFRN.

² Aplicabilidade da ASCD - Diálogo com os estudos Culturais:Trabalhar com atores sociais a partir das perspectivas discursivas, a exemplo dos trabalhos de Van Leeuwen (1997), retomado em Pedrosa (2008) e Resende e Ramalho (2011). A ASCD, como abordagem inserida na ACD, buscará atender às materialidades linguísticas, seja através da LSF ou outro tipo de perspectiva linguística (PEDROSA, 2012a).

na ACD aqui tomada, vem da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday (1985), que, por sua vez, incorpora ao estudo do texto a noção de contexto. Para Halliday (1985), o texto é, ao mesmo tempo, uma unidade semântica e uma forma de interação. Assim sendo, pode ser analisado em termos de linguagem como sistema e como elemento semiótico que reflete processos discursivos e socioculturais ligados a estruturas sociais. Tudo isso se dá pela escolha dos gêneros e suas especificidades, daí, as escolhas linguísticas que, segundo a LSF, são diretamente ligadas ao campo, à relação e ao modo do discurso no contexto de situação.

A partir desses aspectos, as análises discursivas críticas deste trabalho serão textualmente orientadas e articuladas a partir da teoria de Representação dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1997), a fim de demonstrar como os docentes entrevistados representam, discursivamente, as relações sociais e suas agências na prática do ensino de Língua Portuguesa ante o contexto de emergência das Avaliações Nacionais da Educação Básica.

1. A Representação dos Atores Sociais (RAS)

Van Leeuwen desenvolveu a “abordagem de atores sociais”. Nesta, o autor traça um elo com teorias linguísticas e sociológicas. Para tal, desenvolve a ideia de que discursos são recontextualizações de práticas sociais. Segundo Pedrosa (2008), van Leeuwen distingue dois tipos de relações entre o discurso e as práticas sociais: o discurso como instrumento de poder e de controle, e o discurso como instrumento da construção social da realidade.

Continuando a discussão teórica, apresentamos:

uma categoria analítica que pode ser bastante profícua para acessar o significado representacional em textos é a representação dos atores sociais. As formas como os atores são representados nos textos podem indicar posicionamentos ideológicos em relação a eles e a suas atividades (RAMALHO e RESENDE, 2006, p. 72).

Atores sociais podem ter suas agências apresentadas explicitamente ou camufladas; são representados por suas atividades e falas ou podem ser referidos a partir de julgamentos e valores ideológicos. Destarte, as análises a partir da RAS podem ser eficazes para desvelar ideologias em práticas de discursos.

A importância do estudo de van Leeuwen consiste em relacionar os aspectos sociais na representação dos atores antes de analisar, linguisticamente, o modo como são apresentados. Isso se justifica em primeiro lugar, porque, segundo o autor:

[...] não há uma co-referência exata entre as categorias sociológicas e linguísticas, e se a análise crítica do discurso, ao investigar, por exemplo a representação da agência, se restringir demasiado a operações ou categorias linguísticas específicas, muitos exemplos relevantes de agência poderão ser ignorados (VAN LEEUWEN, 1997, p. 170).

Não havendo maneira possível de se conciliarem as duas perspectivas na língua, o autor traz a justificativa que nos embasa: o fato de que o significado não está na língua, mas na cultura. Portanto, a língua pode representar o papel dos atores sociais de modo impessoal, dependendo do seu significado da visão de mundo em uma dada cultura.

Van Leeuwen (1997) apresenta uma contribuição para o campo da ACD, abordando uma teoria que se predispõe a desvendar relações opacas de significados, especificamente, para representação dos atores sociais nos discursos. O autor, concentrando-se nos estudos sobre a metafunção ideacional (HALLIDAY, 1985), traz para o seu constructo teórico o componente experiencial da GSF para expor categorias sociossemânticas, como também distintas possibilidades de materialização linguística dessas representações. Nesse inventário, o autor parte de categorias amplas (Inclusão e Exclusão), que vão desembocar em desdobramentos de pequenas categorias que se afinam a depender da representação cultural e semiótica que essas representações discursivas são realizadas. Trata-se de um sistema em que as categorias sociológicas incidem, primordialmente, em vez de categorias linguísticas, embora estas sejam apresentadas de forma sistemática nas análises em ACD que são, textualmente, orientadas. Para investigação e representação desses atores sociais, Van Leeuwen (1997) propõe um quadro extenso de categorias sociossemânticas. Estas categorias de representação dos atores sociais pertencem a uma rede de sistemas linguísticos distintos e complexos que contempla tanto aspectos léxicos e gramaticais como figuras retóricas. Esses sistemas no discurso passam por transformações através de processos que envolvem o apagamento, a reestruturação e a substituição da consistência linguística. Fundamentalmente, o modelo teórico de van Leeuwen (1997) bifurca-se na identificação dos agentes excluídos e incluídos. Para o autor, as representações incluem ou excluem atores sociais servindo aos interesses e propósitos destes em relação aos

leitores ou ouvintes a que se dirigem no momento de interação. As categorizações mais amplas propostas por van Leeuwen (1997) são a inclusão e exclusão, às quais o ator social está sujeito.

1.1 A exclusão

Na exclusão, a agência dos atores sociais pode ser ofuscada ou enfatizada nas representações, a partir de como eles julgam o que fazem e como fazem. Analisar essas representações é útil para nossa investigação, pois as relações sociais e as identidades são construídas, discursivamente, nos textos e nas interações. Representar passa pela ação de incluir ou excluir categorias centrais na proposta de Van Leeuwen (1997, 2008).

A exclusão pode acontecer, segundo o autor, por supressão (não referência) ou encobrimento (referência discursiva em segundo plano). As representações podem incluir ou excluir atores sociais e “servem aos interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirigem” (VAN LEEUWEN, 1997, p.180).

Quando a exclusão não deixa marcas no texto, ou seja, se os atores sociais nunca forem mencionados em qualquer parte do texto, tem-se uma supressão. Nos casos em que os atores sociais são pouco visíveis no texto, isto é, mencionados de forma indireta ou ambígua, podemos dizer que são colocados em segundo plano. Casos clássicos de supressão são realizados na materialidade linguística do texto, a saber:

- apagamento do agente da passiva;
- orações, cujo verbo no infinitivo funciona como um participante gramatical;
- nominalizações ou dos adjetivos, todos dentro de um contexto que pode nos levar ao pressuposto, mas nunca à certeza da identidade dos atores sociais suprimidos.

A exclusão tem sido um aspecto importante nas análises discursivas críticas, uma vez que esses afastamentos são resgatados “unicamente pela comparação crítica de diferentes representações da mesma prática social, mas não na análise de um único texto, pela simples razão de que não deixa marcas” (VAN LEEUWEN, 1997, p.180).

1.2 A Inclusão

A inclusão é um processo que abrange grande parte das representações sociais. Dele, decorrem várias categorias, uma vez que “é nesse processo que reside a grande força política da representação dos atores sociais” (CALDEIRA, 2011, p.19). Os atores sociais nessa categorização são ativados, apassivados, personalizados, impersonalizados, generalizados, especificados, assimilados, agregados, coletivizados, associados, dissociados, entre outros.

Para analisar como os professores representam seus papéis como atores sociais da própria prática social, poderemos identificar as escolhas lexicais realizadas pelos professores do Ensino Fundamental em Sergipe, para realizarem suas representações como atores sociais. A ativação ocorre quando os atores sociais são representados como forças ativas e dinâmicas numa atividade (NOVODVORSKI, 2008). Essa ativação pode realizar-se pelas estruturas do sistema de transitividade proposto por Halliday (1985). Os papéis gramaticais participantes são codificados como Ator em processos materiais, Comportado em processos comportamentais, Experienciador em processos mentais, Dizente em processos verbais, Identificado ou Portador em processos relacionais.

2. Os professores e suas representações: as análises

Nesta seção, faremos a análise crítica dos discursos dos docentes seguindo a linha teórica de van Leeuwen (1997), pela teoria da Representação dos Atores Sociais. Essa proposta apresenta os diversos modos pelos quais os atores sociais são representados discursivamente e que escolhas a língua nos apresenta para nos referirmos aos contextos e às pessoas. O autor traz um inventário de categorias pan-semióticas e estabelece a relevância sociológica e crítica de algumas categorias linguísticas.

Atendendo à perspectiva de análise em ASCD, o nosso objeto de investigação parte, também, da determinação de um contexto cultural (globalização e práticas pedagógicas em tempos de Ideb no Brasil e a gestão de resultados na escola) e acaba determinando a representação discursiva dos atores sociais por meio de materializações linguísticas.

As representações discursivas dos atores sociais, professores nos discursos dos docentes, podem ser analisadas a partir das categorias da Inclusão e as subcategorias da ativação e generalização. A ativação pode realizar-se pelas estruturas do sistema de transitividade proposto por Halliday (1985).

Como o processo relacional foi o mais recorrente nas materializações, vejamos como esses atores são representados ativamente:

(1) O professor não é consultado, / não é visto o ponto de vista dele / não faz parte do processo enfim ainda é... não é...

(2) Os professores não estão preparados para participar do processo, //muita coisa vem de cima pra baixo e os professores não são envolvidos no processo de avaliação...

(3) O professor virou um profissional de baixa categoria para o povo...

(4) Me parece que o professor não é respeitado, ainda por cima toda essa cobrança tecnocrata...

(5) É como se quisessem provar / que a educação vai bem ou vai mal sem levar em conta se o professor está preparado para essas mudanças.

A representação por ativação desses atores (sublinhados) se dá em um processo relacional (negritado) em que atributos (realce cinza) são, extremamente, fortes para os que se apresentam como atores (portadores de atributos) para esses centros de ação social. Professores (Classe), nessa linha de representação, são apresentados como não consultados, pouco preparados, profissionais de baixa categoria, não respeitados. Esses atributos podem agregar um conjunto de valores menores aos docentes dentro desse contexto de identidades que se apresentam subalternas e, muitas vezes, desvalorizadas, são os discursos dos próprios professores que trazem à tona uma ativação de atores sociais que recebem atributos de menor expressão e de incapacidades perante o contexto de cultura que estão inseridos.

Quando nos discursos dos docentes, os professores (classe) são ativados, o papel atribuído a estes está relacionado à pormenorização da profissão (3), à falta do diálogo (1) e (2), não apenas às ações efetivas, mas à carga sociossemântica do atributo em processos relacionais (4) e (5). O professor é representado, discursivamente, por um ator social à margem do processo de mudanças na educação (3) e (4), especificamente, quando tratam de políticas de avaliações nacionais e gestão de resultados. Há uma conotação negativa para preparação do professor, o que recai, também, nas questões de formação inicial e continuada no âmbito da pesquisa, isto é, no estado de Sergipe, em específico na DRE 2, e estruturas para esse fim (2) e (5).

Outras representações discursivas também de ativação dos professores (classe) aparecem a partir da configuração destes como atores em processos materiais do mundo físico, “agindo para” (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004):

(6) (...) *então a gente também tá se sentindo assim // os nossos professores não **ensinaram** como é que deveria ser feito...*

(7) (...) *o professor cá se **rebole**, dê conta daquilo que eles pensam que é bom para o aluno, // mas nem tudo é bom para o aluno não...*

(8) (...) *quem tem que participar das discussões é o professor, porque é o professor que **dá** o resultado, é o professor que **trabalha**, quem **dá** a aula, // não quem tá de lá de cima...*

O ator social, representado nesse contexto de ativação pelo processo material (não) “ensinaram”, traz a representação do outro, o profissional da educação. Na voz do docente do ensino fundamental, esse ator social é o professor de sua formação para a docência, o que pode representar uma conotação de distanciamento das práticas nas formações iniciais dos docentes e as exigências de um contexto de cultura atual. Essa ativação pode, também, trazer alguns quesitos como o tempo de formação desse professor, uma vez que o entrevistado já tem 20 anos de serviço na educação pública e sua formação, dentro dessa variável, foi pautada nos moldes e contextos em que as demandas ainda não eram marcadas pelas avaliações em larga escala. Quando o professor é representado no discurso de forma ativa e não a partir de atributos pormenorizados, há um deslocamento da função social e, aqui, embora a referência seja para professores, esses atores sociais se situam em outro contexto de cultura, destarte, há uma projeção de papéis, pois falam dos professores em um contexto mais geral e não deles mesmos, o que recai em outra representação social.

A conotação para representação em (7) e (8) pelos processos materiais “rebole”, “dá” e “trabalha” também caminha na direção do “agindo para” (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004). No entanto, percebemos que o ator social é apresentado como uma força dinâmica que atua sozinha, no distanciamento das forças oficiais e no contexto de responsabilidade imediata. A construção de significados do processo material “rebole” traz a inerência do ator social junto à ação de flexibilização, adaptações, efeitos de sentido de um quadro de trabalho isolado, separadamente, mais autônomo e distanciado, expresso pela circunstância “cá”. Não muito diferente da realização em (8), já que o professor (classe) pode ser visto como o conhecedor da

realidade e protagonista isolado das ações que, diretamente, interferem nos resultados dos *rankings* comuns ao contexto globalista em que estão inseridos. O chamado para essa inclusão é motivado, na voz desse docente, para discussão sobre os processos de mudanças e a participação desses nos debates, podendo evidenciar que, no âmbito da pesquisa, há uma provável necessidade de debate com a classe docente sobre as propostas de gestão pautada nos resultados e nas avaliações estandardizadas.

Quando os professores (classe) são incluídos por ativação nas representações discursivas dos docentes entrevistados para esta pesquisa, o papel que lhes é atribuído pode sinalizar uma oscilação entre a baixa autoestima da classe, a falta de preparação, as ações isoladas e a necessidade de participação destes nos debates e nas preparações e consultas para mudanças na prática pedagógica.

As inclusões desses atores sociais nas representações discursivas dos docentes também se deram pela categoria da Generalização. Segundo van Leeuwen (1997), atores sociais podem ser representados por classes sociais generalizadas. Vejamos os exemplos:

(9) *Quando acontece a vitória é de todo mundo, mas quando acontece a derrota, tem alguma coisa errada aí //quem era que tava com a turma? o professor !*

(10) *Estou achando que o professor está deixando de ser um mediador para ser um preparador como num cursinho de pré- vestibular//porque no Ensino fundamental já é cobrado pela Prova Brasil... (12PSFAC).*

(11) (...) *hoje a gente vê uma situação degradante triste que deixa o professor angustiado porque a pior coisa na vida de um profissional da educação é no momento que você vai fazer a avaliação e vê o resultado desse Ideb baixo (1PSIAb).*

(12) *será que o professor não podia ser mais ativo nesse processo se sentir um sujeito e não apenas um objeto?*

Para van Leeuwen (1997), a generalização pode ser realizada, linguisticamente, através do singular com um artigo definido. O ator social o professor (classe), representado nos discursos dos docentes e realizado pela categoria sociossemântica da generalização, pode sinalizar classe social (trabalhadores, docentes) que se responsabiliza ou é responsabilizada pelo fracasso ou sucesso na avaliação externa (9), (10), (11).

A escolha entre o geral e o específico pode trazer a denúncia de um conjunto de pessoas em geral, que são avaliadas, cobradas (9), punidas e responsabilizadas (8) pelo conjunto mais complexo (10) que envolve não só outros atores sociais, como, também, as histórias de sucessos, fracassos e ação social direta. Em (12), o caminho pelo questionamento pode sinalizar, mais uma vez, a atitude da classe como agente do processo de mudança e não apenas paciente, como representado no discurso do professor de Sergipe.

A partir do momento que se generaliza, há uma representação coletiva de classe. A crítica se apresenta na responsabilização geral, o que culminaria nas representações sociais generalizadas dos atores, fato que pode recair em uma realidade massificadora do processo de autonomia, bônus e punições em momentos de avaliações estandardizadas. Ou, ainda, as mudanças pelas quais passam o grupo aqui generalizado (10), (11) e (12).

(13) *O que a gente quer que nessas inovações venha valorização para o professor .*

(14) *(...) seria interessante que a gente tivesse mais capacitação, será que o professor não podia ser mais ativo nesse processo se sentir um sujeito e não apenas um objeto? .*

(15) *a gente tem que acompanhar o sistema porque nós somos cobrados e somos avaliados e há uma nota uma média que ao final vai//é como é que se diz/vai não só avaliar e o aluno.*

A realização material da Assimilação se dá pelo uso do “a gente”. A assimilação coletiviza não apenas pela nominalização do grupo, mas, também, porque pode haver uma união da classe, um acordo comum. Um movimento conjunto de docentes para o acompanhamento das mudanças nas práticas sociais (13), reforçado pelo quadro hegemônico das mudanças ocorridas no sistema como um todo, as cobranças e os resultados, comuns no cotidiano. Além disso, pode sinalizar, também, de maneira coletiva, a necessidade de capacitação para o acompanhamento das mudanças, quando o ator social é representado pelo grupo, aproxima-se da evidência de um movimento geral representado pela busca da valorização. Outra observação é a natureza de consciência do docente que trata do acompanhamento das mudanças (14) “se a gente tivesse mais capacitação” e “a gente tem que acompanhar o sistema porque nós somos cobrados”

(15), colocando em evidência para a necessidade de acompanhar as mudanças por parte do docente.

Pelas análises gerais expostas, podemos perceber o lugar dos professores no contexto de novas abordagens para o ensino. Os docentes entrevistados para nossa pesquisa representaram discursivamente o contexto de fracassos e angústias em tempos de Ideb. Essa conjuntura pode revelar que, muito embora tenhamos um recorte, há uma voz em uníssono que trata da condição do docente, de sua valorização e de seu silêncio. Outro aspecto também sinalizado é a questão da formação, percebe-se, pelos discursos até aqui analisados, que esses docentes solicitam as informações e atualizações para lidar com o modelo de gestão educacional. Podemos, também, pontuar a vontade de participação ativa desses docentes, sem a resistência ante as mudanças, pelo contrário, eles apontam para o reconhecimento da legitimidade do processo (13) “nessas inovações”, (14) “mais ativo nesse processo”, (15) “acompanhar o sistema”.

Considerações Finais

Propusemo-nos, assim, a apenas analisar a presença de atores sociais envolvidos no processo educacional atual e representados nos discursos dos docentes pelas ocorrências mais relevantes. Pelas apresentações expostas e embasadas na proposta de van Leeuwen (1997), podemos inferir que, de uma certa forma, essas categorias se tornam relevantes para investigar os discursos de professores do Ensino Fundamental em Sergipe, a partir das representações discursivas dos atores sociais. A Análise Crítica dos Discursos de docentes, sob a ótica representação dos atores sociais (RAS), trouxe para esta pesquisa o significado representacional do discurso, por categorias sociosemânticas para análise, o que nos proporcionou um entendimento das concepções dos docentes, bem como dos seus interesses, pois, quando incluíram ou excluíram atores sociais em suas representações discursivas, eles estavam atendendo aos interesses e propósitos a quem se dirigiam.

As análises sob a ótica da RAS trouxeram as impressões dos docentes e as representações de outros atores sociais em seus discursos. Deprendemos que as análises guiadas pela RAS sinalizaram as contextualizações de como os docentes representaram o momento, quais os juízos de valores trazidos, bem como revelaram as condutas destes ante as suas responsabilidades. Salientamos que estamos, aqui, no universo do recorte para a pesquisa, e que as impressões e considerações não se

generalizam para os docentes, e sim, em específico, a docentes da Rede Estadual, em Sergipe, sujeitos da pesquisa para o recorte deste trabalho.

Referências

- BAUER, Martim W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BUTT, David. *et. al.* **Using functional Grammar: an explorer's guide**. Sydney: MacQuarie University, 2001.
- CALDEIRA, Elaine. **Representação dos atores sociais: discurso de reforço e enfraquecimento na constituição discursiva de identidades étnicas**. Revista Prolíngua, Volume 6 - Número 2 - jan/jun de 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/prolingua/article/view/13577/7715>>. Acesso: 12.05.2012.
- CUNHA, M. Angélica Furtado; SOUZA, M. Medianeira de. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo: Cortez, 2011.
- EGGINS, Suzanne. **Introducción a La Lingüística Sistémica**. Tradução de Felipe Alcántara. Logroño: Universidade de La Rioja, Serviço de Publicaciones, 2002.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora UnB, 2001[1992].
- _____. Discurso, mudança e hegemonia. In: PEDRO, E.R. (Org). **Análise Crítica do Discurso**. Lisboa: Caminho, 1997.
- _____. **Language and globalization**. London; New York: Routledge, 2006.
- GILL, Rosalind. Análise de Discurso. In: BAUER, Martim W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**, London: Edward Arnold, 1985.
- _____. MATTHIESSEN, C. M. I. M., **Introducion To Functional Grammar**. London: Arnold, third edition, 2004.
- IKEDA, Sumiko Nishitani; VIAN JÚNIOR, Orlando. A análise do discurso pela perspectiva sistêmico-funcional. In: LEFFA, Vilson J. (org.). **Pesquisas em linguística aplicada: temas e métodos**. Pelotas: EDUCAT, 2006.
- INEP. **Prova Brasil e Saeb**. Brasília, DF, 2011. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/prova-brasil-e-saeb/historico>>. Acesso em: 14.08.2012.
- MEURER, J.L. Gêneros Textuais e Análise Crítica de Fairclough. In: MEURER, J.L.; BONINI, A; MOTA-ROTH, D. (orgs.) **Gênero. Teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.
- MELO, Ian Ferreira. (org.) **Introdução aos estudos críticos do discurso**. teoria e prática. Campinas-SP: Pontes Editores, 2012.
- _____. Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções. **Revista Letra Magna**. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Ano 05 n.11 - 2º Semestre de 2009.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo de. Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo de. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- _____. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? In: SIGNORINI, Inês e CAVALCANTI, Marilda C. **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1998.
- NOVODVORSKI, Ariel. **A representação de atores sociais nos discursos sobre o ensino de espanhol no Brasil em corpus jornalístico**. Dissertação (mestrado). Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2008.

PEDRO, Emília Ribeiro. *Análise Crítica do Discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos*. In: PEDRO, E.R. (Org). **Análise Crítica do Discurso**. Lisboa: Caminho, 1997.

_____. **Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Caminho, 1997.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. **A Socioanálise e a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso: caminhos de análise em Análise Crítica do Discurso**. Texto inédito, cedido pela autora. Natal/RN, 2013.

_____. **Abordagem sociológica e comunicacional do discurso: caminhos de análises no campo da Análise Crítica do Discurso**. 2012a. Disponível em: <<http://www.ascd.com.br/>>. Acesso: 09.09.2012

PEZATTI, Erotilde Goreti. O Funcionalismo em Linguística. IN: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Orgs.) **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. vol. 3, São Paulo: Cortez, 2004.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane Melo. **Análise de discurso (para a crítica): o texto como material de pesquisa**. Campinas: Pontes, 2011.

_____. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto. 2006.

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de Discurso Crítica como interdisciplina para crítica social: uma introdução**. In: MELO, Ian Ferreira. (org.) **Introdução aos estudos críticos do discurso**. teoria e prática. Campinas-SP: Pontes Editores, 2012 a.

SIGNORINI, Inês. A questão da Língua Legítima na Sociedade Democrática: um desafio para a Linguística Aplicada Contemporânea. . In: MOITA LOPES, Luiz Paulo de. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SOUZA, Maria Medianeira. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. Tese de doutorado apresentada ao PPGL da UFPE. Junho de 2006.

van LEEUVEN, Theo. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, Emília R. (org.). **Análise Crítica do Discurso**. Lisboa: Caminho, 1997, p.169-222.

_____. **Discourse and Practice: New Tools for Critical Discourse Analysis**. New York: Oxford University Press, 2008.

WODAK, Ruth. De qué trata el análisis crítico del discurso (ACD). Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos. In: WODAK, Ruth y MEYER, Michel. **Métodos de análisis crítico del discurso**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2003.